

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Junqueiro, o abandonado

A religião do poeta — Os dois Junqueiros —
Como o viu o povo — A desconfiança ante o
seu gesto — Que santo escolherá Afonso ?

A reconciliação de Guerra Junqueiro com a Igreja, a sua morte em piedade e em fé cristã não despertaram no país a sensação que se esperava e o poeta—tão amigo de sonoridade à sua volta—se pudesse sentir o pouco exito do seu gesto decerto não se arrependeria de querer banidos os discursos em seu enterro, as exteriorisações, as llóres, todas as pompas e todas as homenagens.

Levado para a Estrela, entre as alas de povo que as fotografias mostram, a desmentir os jornais que falam de multidões, aparece-nos como um pobre que se arranca do lar para o frio duma casa de toda a gente mas onde quasi ninguem o acompanha.

Pretendeu-se conglobar á Academia em torno do seu caixão e ela faltou na sua maior parte; chamaram-se os homens celebres e os que apareceram mal transpuzeram ainda os humbrais da designação que se dá a toda a gente: «o ilustre». Imaginou-se que o govêrno appareceria nessa trasladação, do leito mortuario para a Basilica, e apenas surgiu o senhor Antonio Maria da Silva a deixar o seu bilhete de pesames e de agradecimento. Perguntar-me-hão a que tinha de ser grato. E' que Junqueiro remeteu-o para a posta restante com uma frase. Quer dizer, lembrou-se de falar dele, de o deixar à espera que o recordem atravez do dito do poeta: «Com metade dum rim e metade dum partido, ninguem fazia melhor». Deste modo se exprimiu o consagrado ácerca do presidente do conselho e da sua obra policial.

Dos outros ministros appareceu Domingos Pereira, que teve vida de redacção e amizades literarias, e mais nenhum. E' certo tambem que não tinham lá que fazer como os estudantes que não o guardaram em grandes

alas comovidas, e como os escritores auzentes. A maioria desses rapazes não é republicana, a desses homens de letras tampouco e com o governo succede o mesmo. Ora que estremecimento pode sentir diante da obra do poeta celebre o senhor ministro da fazenda que apenas admira o senhor Afonso Costa; o senhor da guerra que só por si proprio tem consideração; o marinheiro-agricola que no paço devia bufar ante o retumbar da *Patria*, e os outros, os do trabalho, o da justiça, o das colonias, gente adventicia que vive na república como numa casa de hospedes onde não paga?

Queria o senhor Mayer Garção — num sentido artigo do *Mundo* — que os poetas conduzissem aos hombros — no primeiro dia dos funerais — o colega caído, a aguia tocada pela morte. E evocava Victor Hugo e as constelações que o rodeavam; os elogios nos jornais assignados pelos emulos, todo o grande tantan em torno do Panteon para onde o levavam. Chamava pelos nomes — o jornalista foi pessoalisando — Correia de Oliveira, Lopes Vieira, Eugenio de Castro, Branca de Gonta, Domitilia, Virginia Victorino para em seus braços erguerem o sublime tornado materia. Não estavam presentes; tampouco apareceram os escritores de mais nomeada. Porque? Todos o admiravam, todos o encaravam como a personificação do maximo talento, mas não lhe esqueciam a conducta, as suas batalhas formidandas, tão grandiosas como as de Milton contra Carlos I de Inglaterra — e que outro dia aqui relembrei — e elas afastavam-nos de junto de quem acabara impenitente do delicto do aplauso à morte dos soberanos. Seria por isto? Não seria? E' licito julgar que sim, ante a falta sentida pelo illustre periodista republicano.

Outro não pode ser o motivo. Nenhum dos citados deixa de o admirar, de o enaltecer, de saber de cór os seus versos. E' verdade que ha muita gente, tambem, que reteve a sua prosa.

Emfim, Junqueiro, partiu para o Além, com esse grande pecado de alma, levando consigo, bem juntinha ao peito, a imagem de S. Francisco d'Assis e isso, com o crucifixo da sua cabeceira, os sacerdotes que acompanharam o entérro, a sua estada na Igreja metido na tumba, afastou alguns dos membros do governo e povo jacobino.

Até mesmo o senhor conselheiro Bernardino Machado muito perdeu em pegar numa das borlas da urna. Alguns dos votos que deixar de recolher na sua eleição presidencial terão como origem da ausencia a presença do candidato numa cerimonia onde iam padres.

O grande poeta, ao querer a escola com Deus, ao voltar a sua face, de apostolicas barbas, para o Altissimo, perdeu imenso no conceito dos seus correligionarios.

O Junqueiro que eles amavam era um bardo trovejante e ateu, iconoclasta e vermelho, que, em estrofes retumbantes ameaçava Jehovah nos ceus e na terra queria esmagar os seus devotos.

Nenhuma outra afinidade tinha com ele essa turbamulta que treme diante duma trovoada e increpa Deus nos dias de bom sol. Os clarões do seu genio não a deslumbravam, não a impressionavam. Só queria do vate grandioso os insultos à realesa e ao Misterio Divino, via-a como uma especie de Satanaz de rimas altas, sonoras e pomposas que soavam nos livros e badelejavam furiosas como a apagamem as vozes dos sinos em honra do Altissimo nas ermidas e nas catedrais.

Junqueiro era o pontifice vermelho, o chefe da tradição pagã, o Anti Cristo que detestava os sacerdotes e queria esmagados os dogmas, em

quanto não podia ir até aos astros estrangular esse Ente Supremo que tanto aterrava os homens.

Foi este o poeta que a turba se habituou a vêr e a amar e também o que profetisava a morte dos odiados reis. Creador duma fôrma poética magnífica êle embrulhava os seus insultos em versos que passavam nas vozes como os êcos das batalhas nos zunidos do vento. Era grande para essa multidão visto ser à sua imãgem, embora dissesse melhor, de uma grandiloqua maneira aquilo que ela bulbuciava apenas. Era o Deus desse povo de irreverentes, e genio no trono da heresia que ela aplaudia e amava.

Não conheciam outro Junqueiro; não desejavam mesmo conhecê-lo e se o poeta, durante a vida, tivesse dado um passo para a Igreja teria escutado o berreiro duma malta ignara e o ruído das suas pedradas nos vidros das suas janelas. Debalde lhe diriam que o seu espirito transmudara; a rua, que não o acompanhou agora, teria surgido em massa para o insultar trazida por essa grande furia da desilusão que se faz sempre pagar carissimo.

Então andara uma vida inteira, esse poeta de clamorosos versos, de grandes diatribes moderadas em expressões resonantes, a ensina-la a desprezar os deuses e os padres, a roubar-lhe as crenças e os sentimentos de raça a lança-la na luta e na iconoclastia, e, de chofre, renejava, voltava-se para o inimigo, abatia-se nos lagedos dos seus templos como um vulgar crente, desmentia aquilo que a obrigava a dizer dias a fio, anos, vidas inteiras, o que tinham transmitido aos filhos e sido o motivo das suas teimas e rixas? Fazia-a passar por mentirosa dava com o seu exemplo, a victoria aos contrarios?! Rugira e agora abafava a voz?! A heresia cedia o logar ao incenso? Perigoso homem. Amanhã seria capaz de lamentar a sorte do rei que condenara. E, então, atraz do sentimento religioso viria o anti-jacobinismo! O genio passaria para a outra trincheira. Oh! não! Antes matá-lo! Tilintariam os vidros das suas janelas e a sua pessoa ouviria as maldições antes dos tiros. Só na hora da morte, quiz que se soubesse do seu arrependimento em materia de fé. O povo não o foi acompanhar nas noites da sua estada na igreja. Porquê?

Porque o desconhecia, porque não era o Junqueiro que contribuiu para que êle pensasse assim. O outro, aquele que atroara o país com o seu clamor contra o Padre Eterno era o Mestre, este um desconhecido do mesmo apelido que o mistificava querendo parecer o autentico.

Eis as razões porque as ondas da populaça não encheram a basilica.

Quem era esse Junqueiro que levava em seu peito imagens de santos?

Não era o seu, não era o que lhe tinha sido apresentado pelos jornaes republicanos em toda a gloria de ter escrito aquilo que desejava agora pôr de lado. Sentindo-o morrer, deixou-o ir em paz. Se ficasse vivo deixa-lo-ia em paz, também? Não. Seriam muitos dos que o elogiam, na hora em que parte aureolado na sua tumba, os primeiros a insultá-lo.

É assim mesmo. No fundo, o culpado dessa indiferença foi o proprio Junqueiro. O seu genio desdourou-se e, outro nome ficou para a rua. Não faz versos, é quasi um ignorante em literatura, não ama a arte, talvez nunca lêsse da obra do morto celebre mais do que as estrofes bombasticas contra Deus e contra os reis. Mas fez mais do que isso. Articulou a lei da separação. Não é poeta, é pratico; não é sabio, é esperto; não é

homem de crenças mas de exploração. Chama-se Afonso Costa. Esse é que está nas almas que Junqueiro, com seus livros e sua propaganda, abriu para a irreligião.

Imagine-se o que seria Afonso Costa a rasgar a sua lei, a calcar o intangível, a gritar que fizera um erro, que cometera um delicto!

As pedras das calçadas rebentariam como petardos. Não haja duvida. Estalariam como bombas. Porquê? Porque a população, habituada a uma crença, não quer que lha arranquem, sobretudo os que lha inocularam. Afonso Costa, esmagando a banalidade dos paragrafos da Intangível, seria reputado um traidor. Junqueiro caiu no indiferentismo dessa turba porque limou as suas estrofes e quizera um crucifixo á sua cabeceira.

Não causou surpresas, provocou coleras; não encheu de jubilo os cristãos, mas aterrou os fingidos ateus e os de profunda convicção irreligiosa.

Dai a ausencia dos altos poderes de Estado, medrosos sobretudo da impopularidade que é o seu pão; dai a esquivança dos ministros que armam em radicaes; dai a fuga da turba que viu aquela conversão como um signal de desprezo pelas ideias expostas por ele, mas de que fez as suas amoldando-as tanto ao seu pensar e feitio, como um obreiro banal querendo concertar a anfora trabalhada por um genio e feita em pedaços no encontro das suas mãos rudes, ao achá-la, apesar de bela, indigna de si. Do mesmo modo se explicam as faltas dos grandes e dos pequenos da republica.

Dentro em poucos dias, os homens do governo irão relazer as suas reputações com algumas heresias, ditas em publico, receosos de que os confundam com Junqueiro, ao qual não perdoam o que na sua linguagem parlamentar chamam: roer a corda. Ninguem imagina, porém, o mal que o poeta causou a outros, com o seu gesto, querido e grato á sua alma, com esse consóto da unção e a sua ternura pelo santo de Ombria, que assim definia seu sentir:

— *«Tratemos de ganhar os grandes pela humildade e pelo respeito e os pequenos pela palavra e pelo bom exemplo. O nosso privilegio singular deve ser o de não ter nenhum.»*

Junqueiro fez o contrario em vida, mas tratou de mostrar que assim sentia, quando já não o podia praticar senão no Além, onde tais virtudes não devem ser precisas.

A' sua alma isto fez bem; á reputação dos outros fez um grande mal, pois lançou nos espiritos a desconfiança. Já ouvi um do registo civil perguntar arrepiado: Que santo levará ao peito o nosso Afonso, na hora da morte?

E o outro, fero, furo, numa rajada:— O melhor é matá-lo a tempo de não nos comprometer.

Ele, porém, é bem capaz de os ludibriar, usando desde ha muito, ao pescoço, os atributos sacros a que a sua categoria de comendador de Carlos III dá incontestavel direito.

O abandono a que se votou o cadaver de Junqueiro é a resposta ao que se exigia da Nação para ele enquanto vivo. E' o plesbicito da morte, o maior de todos. A turba não apareceu, as associações não se fizeram representar. A academia republicana é tão pouca, que os estudantes, revezando-se junto do morto, caíam com sincopes pelas longas horas de vela. Constato, com tristeza, o abandono a que o votaram os correligionarios, os admiradores e até os amigos.

Que diferença entre esta dôr de hoje, tão minguada, tão breve e a que brotou nas almas, quando Sidonio Paes baqueou. As mulheres caíam com sincopes, mas não era por estarem muito tempo junto da urna, na Camara Municipal. Uma dôr angustiosa e profunda as fazia tombar em deliquios. De toda a parte vinham as legiões, apareciam os fanaticos; uma endemia passava no país, toda a gente se vestia de luto, excepto os que a mesquinhavam nos agâpes vis e faltam agora tambem, na Basilica. Os pobres choravam; velhos, cegos, arrastando-se, formavam no grupo lugubre dos desgraçados e iam arrancar á sua miseria, as esmolos que lhe davam, o dinheiro para a compra de flôres.

Fechavam-se os estabelecimentos; aiava-se comovidamente e de todos os bêcos da cidade, como das suas avenidas, vinha gente a formar multidão. Dias e noites se desfilou. Os soldados choravam; os officiaes soluçavam, até os garotos da rua, num respeito enorme, vendendo os retratos do morto, apregoavam sentidamente.

Mas porque foi isto?

E' que o povo tem o sentimento das proporções; adora ou odeia, ama ou renega por instincto. Desta vez caiu na indiferença..

Porquê?!

Junqueiro era o grande poeta da sua epoca, era o bardo da revolta. Porque não se juntaram, ao menos, os revoltados?

Finalmente, a homenagem ao poeta foi a que o Estado lhe fez, contra a sua vontade, e contra os preceitos de quem, ao morrer, quiz levar no peito, bem junto ao coração, a imagem de S. Francisco de Assis, rebelde, detestador dos que mandam.

Contrariado, pobre do Junqueiro! Para se dar a impressão de muita gente a velar o seu tumulo, tocaram as cornetas e surgiram alguns soldados. No funeral nacional apenas destacou a turba armada, indiferente, com os deputados que acerca da morte do grande homem proferiram discursos funebres tão reles que partiam bem de quem se serve «na bacanal dos percevejos sobre uma enxerga pôdre.»

A mãe das bombas

O ataque aos juizes — A evocação do crime de Cascaes — A Carbonaria e os explosivos — A acção do sr. Antonio Maria da Silva — A artillaria civil e a republica

O governo diz que vai tomar providencias ante a serie de atentados de character anti-social levadas a effeito successivamente e attribuidos a Jovens Sindicalistas. O ultimo realisado contra tres juizes — não sei como ainda na quem julgue sob o terror e contra ele, mesmo a peso de ouro — foi a gota de chumbo derretido que fez verter o vaso onde os governantes guardam as suas coleras candentes.

Isto de se afirmar cousas que não se tem a intenção de cumprir é pécha que faz sorrir quem escuta. Afirmava-se que se puniriam todos os criminosos dos lucros illicitos e ao primeiro gesto de um mercieiro ladrão e socio do Centro Jacobino tudo se eliminou nesse sentido. O roubo tripudiou. Que se ia investigar dos lucros da moagem. Nomeou-se uma comissão e como se a atulhassem de boa massa — diferente da que vendem ao povo — ela sumiu-se. Os governantes, tambem, não perguntam onde se encontram os seus comissionados. No caso presente, succederá o mesmo, tanto mais que lhe falta completamente a autoridade para punir quem lance bombas, use explosivos, empregue dinamite, enquanto presidir no ministerio o senhor Antonio Maria da Silva.

O engenheiro Silva, chefe da Carbonaria, não pode revoltar-se contra os seus continuadores a ponto de os mandar para as colonias. Não terá mesmo coragem para dar esse passo, pois sabe muito bem quem eles são e que arrojios podem cometer. Ainda se deve recordar da ancia que houve em encobrir a morte de Manuel Nunes Pedro, lançado nos despenhadeiros da Boca do Inferno pelos cúmplices que, como o jornalista Jorge de Abreu o narra no seu livro *O 5 de Outubro: A sintese da confissão dos presos* é nestes termos: «*terem deliberado fazer desaparecer o Manuel Nunes Pedro, visto este ser prejudicial, pois podia revelar o segredo das associações revolucionarias, segundo as ameaças de denuncia que já tinha feito*».

E quem lançava os carbonarios neste caminho de evitar as revelações? Naturalmente quem os iniciou, sob esta forma ritual.

«*Juro, pela minha honra de cidadão livre, guardar segredo absoluto dos fins e existencia desta sociedade, derramar o meu sangue pela*

regeneração da Patria, obedecer aos meus superiores e que os machados dos rachadores de cada canteiro se ergam contra mim, se faltar a este solemne juramento».

«Que se faz a um traidor?

— Mata-se.

— «É se ele fugir?

— «Procura-se por toda a parte até que o atinja o braço vingador».

Tirava-se-lhe a venda dos olhos e, diante de esses homens mascarados e armados, o neofito ouvia dizer cavernosamente:

«Se faltares ao juramento prestado, serás morto sem remissão».

Quem era um dos mascarados da *Alta Venda*? O engenheiro Silva, atualmente presidente do ministerio.

Este chefe Carbonario tinha ligações estreitas com bombistas, atravez das suas lojas, pois não se compreende um membro da junta dirigente ignorando os passos dos seus agentes.

Novamente Jorge de Abreu explica como essas relações se travavam.

«Afinal quem forneceu dinheiro ao João Borges para o fabrico das bombas? A «*Joven Portugal*» (fracção da Carbonaria) por intermedio de Manuel Bravo. As bombas importadas do estrangeiro, curante a organização do 28 de Janeiro, tinham provado mal, — eram verdadeiras bombas de fancia — e necessitava-se, para o rovo momento, de explosivos que cumprissem. Recorrera-se, então, á industria nacional, em que se ocupavam não só aquele revolucionario como outro de grande relevo em toda a agitação politica compreendida no periodo de 1907 a 1910».

A Carbonaria, de que era chefe o actual presidente do ministerio, mandava fabricar bombas. E' de eles que parte o seu fabrico visto serem de fancia as importadas.

O auctor do livro 5 de Outubro afirma ainda, o seguinte:

«Dois ou tres artigos, um deles escrito por José Barbosa, — um dos membros do directorio do Partido Republicano — reabilitaram, na grande massa, o fabrico de explosivos e salientaram a coragem dos fabricantes».

Mais abaixo, lê-se:

«Os bombistas tiveram a seu lado alguns dos homens que lhes haviam sollicitado a necessaria colaboração. E um desses homens assim que teve ensejo de transpôr triunfante, os ombrões da Basilha, a sua primeira «*DEMARCHE*» consistiu exactamente em libertar as victimas do juiz de instrução, OS REVOLUCIONARIOS QUE ELE ENCLAUSURAVA POR EFEITO DO FUTURO DE EXPLOSIVOS.

E que explosivos eram estes?

Bombas poderosissimas, expostas depois, no Museu da Revolução e cujo fim era o de fazer saltar o Quelhas e a igreja das Mercês.

Alem destes Mineiros que assim trabalhavam, cuja grande arma era «a artilharia civil», havia outros grupos, que á falta de espingardas, a deviam empregar. O senhor João Chagas disfarçava esses nucleos sob nomes de flôres: *Malmequer 60 homens, Rosa 30, Violeta 40, Cravo 60, Saudade 20, Crisantemo 40, Papoula 30.*

Todos estes perfumes se misturavam para dar a morte.

As relações do nosso ministro em Paris com a Carbonaria não eram boas? Já sabemos como ela se servia das bombas e as mandava fabricar, agora vejamos a fórmula de proceder das outras agremiações. Jorge

de Abreu vai ainda fornecer-me os elementos que não tive tempo de procurar nos jornaes:

«Não tardou, portanto, que os armazens Leal, da Rua de Santo Antão, ficassem transformadas em arsenal, onde Alvaro Pope, João Chagas e José Freitas Ribeiro analisaram detidamente o material destinado á revolta.

.....
 Para lá enviou o dr. Alberto Costa, duas caixas de bombas que mais tarde saíram, a pau e corda, dos armazens para o consultorio do dr. Gonçalves Lopes».

Era este o fabricante em que depositavam maiores esperanças e foi a primeira vitima dos explosivos quando os estava manipulando.

Que autoridade tem agora quem as apadrinhou, e as adotou para condemnar os bombistas? Nenhuma.

No dia em que estiver no poder quem não se roçou por essas cumplidades, o caso mudará de figura.

A historia do 5 de Outubro está muito atroada de expansões festivas para com os fabricantes destas especies para que possa repelir as suas filhas, as suas discipulas, aquelas que estão agora noutras mãos.

Em toda ella não se fala senão «era fabricante de bombas». Jorge de Abreu continua:

«O FABRICO DE EXPLOSIVOS NÃO OCUPAVA SIMPLESMENTE MEIA DUZIA DE PESSOAS. GENERALISARA-SE POR UMA FORMA ASSOMBROSA, E DENTRO E FORA DE LISBOA, TRABALHAVA-SE AFINCADAMENTE EM CENTENAS DE APARELHOS DESTRUIDORES».

Mais adiante, o illustre jornalista, narra como um dinamitista se entretivera a lançar fogo a um pedacito de certa materia, côr de chocolate, diante de imensos frequentadores de um café suspeito e conclue:

«E, no emtanto, presados leitores, o rolo côr de chocolate era mais do que sufficiente, quando aplicado em circumstancias especiaes, para fazer voar, feito em migalhas, um quarteirão da rua do Ouro».

Desta maneira triunfou a republica na sombra vasta e negra da Carbonaria.

Quem presidia a essas reuniões em que havia ameaças de morte, palavras atroantes em que se fala de sangue? O actual chefe do governo.

«Que se faz a um traidor?

«Mata-se.

«E se ele fugir?

«Procura-se por toda a parte até que o atinja o braço vingador».

Essa atmosfera vermelha, odienta, em que soam apenas palavras destas e reboam as bombas foi senhor Antonio Maria da Silva que a ajudou a crear, que a adensou, a tornou cheia de horrores e de tempestades.

Agora, diante de uma sociedade desordenada, sem força publica, sem acção dominadora, pretende como chefe do governo, destruir o que fez como chefe da Carbonaria!

Cumulo dos cumulos! Para que haja autoridade é necessario ganha-la, possui-la.

O presidente do conselho não a tem desde que presidiu a assembleas de bombistas que esperam talvez, com os seus engenhos destruidores, subir até onde se alçou o pai das bombas das quais a Carbonaria é a autentica mãe.

Um diplomata português e as balburdias de Bucarest

Mais uma scena de diplomacia — Peripécias numa legação — Como se cita um ministro de Portugal — Das influencias nacionais — Um relatorio ultra-claro

Uma das cousas que mais nos assacam os estrangeiros é as singulares atitudes de varios dos nossos diplomatas. Surgiram, improvisaram-se, transtornou-os a vertigem das alturas e, tontamente, alguns deram que falar de si. Por esse mundo fóra, a representação portugüesa é uma continuação dos vicios e defeitos da Arcada. Depois dos escandalos extravagantes da legação em Madrid com Couceiro da Costa e sua dama, d'outros anteriores com *el senor* Vasconcelos, de varios casos soturnos ou picaros, escuros ou indecentes que soaram no Rio, em Vienna, em Londres, com o negocio, dos figos e as proclamações ao povo britanico, aparece agora num rumor rijo, o que podia intitular-se: balburdias de Bucarest.

Não é o seu autor um diplomata creado de afogadilho, tampouco um republicano de batalha antes de 5 d'outubro, embora na sombra protectora dum irmão, que já tem sido ministro democratico, conseguisse alcançar-se dentro do regimen. Em larga copia de deduções, o das pastas, pretendeu demonstrar — entre os aplausos dos correligionarios em batuque de gala — não haver resquicio de sangue portugüês nas veias do senhor D. Manuel. O que se deve agora definir é a quem está entregue a representação do nome portugüês no estrangeiro e porque fórma o honra quem, decerto, não tem em seu corpo pingas de liquido que não seja tão nacional como o vinho do Porto. Vindo duma casa lidalga, aliado á de Palmela, o ministro republicano Fernando de Brederode, jacobino, coloca o seu amor pelos que defende, tão alto que não hesita em vampirizar os liquidos reais para os devolver taxados da marca de importação. Diante do que se passa com um seu irmão, decerto a sua alma vermelha, candente, de justiça equalitaria, vai aplaudir as medidas que, sem duvida, o ministro dos estrangeiros — homem digno e liberto das freimas que espicaçam os exageros nos espiritos dos adesivos — tomará para meter na ordem, quem, arrasta diante dum povo extranho a honra do

país que representa. O ex-ministro democratico vai pedir egualdade no castigo. Eu o vou executar, sem colera, mas inflexivelmente, em nome da minha dignidade de cidadão que alem fronteiras, não pensa nas diferenças de crêdos nem nas lutas que agita e trava em Portugal e apenas deseja bem colocado, bem alto, o nome da sua patria.

O ministro de Portugal, em Bucarest, senhor Martinho de Brederode, não procede de molde a honrar-nos, isto segundo o relatorio de certa policia da capital romanica na qual se narra, entre outras cousas, o seguinte:

Grave questão teve o diplomata com a senhora da casa onde habitava, no n.º 5 da Strada Vasile Lascar. Chama-se madame Ciculesco, a dona que o acusou de agressões e fez, nesse sentido, varias queixas. Um arranjo particular, de character intimo, e que não foi cumprido, levou a senhora a uma transigencia mas, em certo dia, as armas de Portugal foram arrancadas da fachada, por ordem da proprietaria, o que se sonbe na prefeitura da policia, no Ministerio do Interior no dos Estrangeiros onde a madame Ciculesco, constantemente, ia queixar-se dos antigos agravos do representante da republica, que não desejava mais no seu predio.

Passou para o hotel «Magestic» o senhor Martinho de Bredorode e dentro em pouco, o ministro do Interior era obrigado a intervir porque se davam conflitos consecutivos entre o nosso intranquilo compatriota e a direção do estabelecimento.

Levára para a patria valachia os ardores da nossa raça. Se não lhe coubesse o encargo de representar o país, teriamos que sentir estar á altura dos marialvas seus avós, em terra das tradições dos *hospedars*, este nosso porteguesinho fidalgo.

Uma noite, no restaurant Elysée, como se estivesse no Gelo, e nos anos em que era estudante, pôz-se a provocar um escandalo e acabou por pedir o despêdimento do mordomo. Foi obrigado a deixar de frequentar o café, pois lhe preferiram o empregado, isto porque a este assistia a razão ante os desmandos e as balburdias do ministro. Tempo depois soava mais ruidosamente, o escandalo no «Magestic» onde alojára uma mulher, por demasia conhecida nas tertulias da capital romanica, e que intitulava de achegado parentesco. Aparecia em todos os espectáculos e passeios a seu lado e até se fotografava em sua companhia. Sempre o impeto e o romantismo nacionais em cidades alheias. Se não fosse o encargo diplomatico não haveria mais lidima feição lisboetasinha no país de Vacaresco.

O demonio, porem, era a bandeira e o escudo que tinha a seu cargo e não podia separar de sua pessoa, exactamente como não podia largar aquela que, á semelhança da companheira do senhor Couceiro da Costa em Madrid e Viena, fazia seus encantos mas demasiadamente os mostrára no tertuliar internacional. Com tal atrelagem andou oficialmente pelas salas do hotel «Carol», nas estações de Herculesbad onde, descobertá a origem, de quem se inscrevia no estabelecimento em mais alta qualidade, da que lhe caba desde logo provocou novos desaguisados com o nosso agente na Romania.

Acabada a cura d'aguas, tornou a dar que falar de si, mais uma vez: espancou o policia pôsto pela perfeitura ao seu serviço.

Apanhou uma sova o guarda como outr'ora era habito, nas noites de regabofe, levar adiante guardas nocturnos, aí por essas ruas da Baixa.

Ainda tenho saudades de mais deshoras em que, de boémia com o *Pad Zé* e certa Palmira, após o ponto peamento da lata dum vendedor ambulante de café, tivemos que aplicar tabefes no *Sereno* que censurava o gosto de fazer rebolar pelo Chiado — pagando-a, aliás, com seis mil réis — uma cafeteira substituta das locandas fechadas por ordem da autoridade. Oh! mas nós não representavamos senão as nossas pessoas e ainda assim acrescentadas nos estomagos por entoxicações etlicas. Não representavamos senão do que não eramos, não estavamos em Bucarest mas na Lisboa d'altas horas, não tínhamos diante um policia a guardar-nos; mas sim um tipo mal fardado a impôr-se-nos.

Com o nosso ministro na Romania chegou a tal ponto o terrôr que nenhum guarda quiz ir para seu serviço ou porta de sua residencia. Tambem o pobre devia vêr-se aflito para a encontrar, visto nem as proprias autoridades o conhecerem, conforme consta do *Monitor Oficial*, n.º 44 de 31 de maio de 1923. diante de certa citação do tribunal do distrito de Ilpo, 2.ª secção Commercial, na qual se lê o seguinte, textualmente:

«*Nous President du Tribunal Ilfor II.º . Section Commerciale en vertu de l'article de 17 de la procedure civile assiquens Mr. Martinho de Brederode avec inconnu par le Moniteur Officiel de paraître le 18 (dix huit) du mois de Juin 1923 ect.*»

Desde que as armas portuguesas não estão á vista em qualquer fachada de Bucarest é licito ignorar a morada de quem é chamado a responder em virtude dum processo que lhe foi instaurado, e que teve seguimento.

Uma das condecorações enviadas para galardoar altos funcionarios romanicos foi dada ao director das caçadas reais, o que irritou um ministro a quem se entregou outra exactamente de igual grau e da mesma comenda.

Ora diante de tudo isto o governo da Romania não atende mais o nosso representante pois não é, de balde, que os jornais inserem aquela comunicação para o processo, o unico motivo que me levou a narrar o resto que al fica.

Na generalidade é afantochada — e por isso cabe muito bem aqui — a diplomacia do nosso país na qual se salva apenas numa meia duzia de personagens. Mas quando os nossos representantes chegam a este extremo não é já de grotesco que nos cobrem, mas d'algunha cousa de veras aterrante para o brio da nação.

Neste campo d'alem fronteiras não ha que saber nem disputar se estamos em republica ou em monarquia. E' Portugal que representam os delegados do governo nesses altos postos diplomaticos, em suas fardas, suas credenciaes, suas comendas.

As informações vindas da Romania dizem muito. O senhor dr. Domingos Pereira, conhece-me suficientemente para saber que não obedeço nunca senão a razões d'ordem superior quando tenho de tratar dalguns maus, por seus actos. E' o caso presente. De resto não ataco, refiro com os relatorios á vista, sem que me prenda qualquer razão, sem que me vergue a qualquer influencia e sem que obedeça tambem a outro motivo que não seja o de ambicionar que no estrangeiro se tenha de Portugal opinião diversa da provocada por alguns dos seus delegados que parecem apostados em mostrar ser o seu país feito á sua imagem e semelhança.

Miserias do Panteon

O culto do osso — O estado dos grandes mortos nos Jeronimos — O Panteon de Paris — Sidonio e a sua freguezia — Peor do que a vala: a valeta

O filho de João de Deus dizia-me ha tempo: Vou tirar o meu pai do Panteon. O representante de Garret afirmava-me ontem: Vou mandar fazer um jazigo para meter os ossos do meu grande parente.

Porque essa colera contra o Panteon para onde o governo mandou os despojos de Junqueiro?

Pela razão de que não passa de uma exposição de lixos.

As cinzas dos imortais, dos que se pretende glorificar, estão para ali tão abandonados como se os tivessem deixado num deserto expostos a todas as surpresas do tempo. Não ha quem cuide de limpar os panos que envolvem os caixões, não se fazem nas cupulas os indispensaveis trabalhos e os ossos do lirico admiravel e do escriptor da prosa de oiro acabarão por ser roídos em seus ataudes se acaso as familias não os transportarem para onde a piedade dos seus possa cuida-los no carinho e no amor que lhes dedicam.

Se as almas comunicam entre si e se no espaço êlas têm a mesma beleza que na terra, como devem ser interessantes os comentarios dos dois poetas ácerca dos seus contemporaneos que, gerando o *culto do osso*, acabaram quasi por os deixar aos dentes dos cães!

Quanto melhor não estariam os seus corpos em pequeninos cemiterios, metidos em tumulositos que os recolhessem sem essa pompa que sôa a falso e tem todas as miserias dos europeis apodrecidos?!

O Panteon! E imagina-se como em França um monumento levantado pela Patria aos seus grandes homens e até ali conduzidos em triunfo.

Aos Grandes Homens a Patria reconhecida — diz a inscrição que o cobre no alto dessa sagrada montanha de Santa Genoveva, padroeira

de Paris. Ali conversam, no fundo da sua cripta, desde 1885, Lazare Carnot, a incarnação da fé patriótica; La Tour de Auvergne, o soldado gaulez, a bravura, e o *panache*; Marceau, a alma militar, Sadi Carnot, a austeridade; Bertholot, o homem de sciencia; Hugo, o sublime. Em volta, nos muros desse templo, onde se guardam os semideuses, estatuas magnificas erguem-se e quadros de historia patria acompanham aqueles que a escreveram ou a ajudaram a fazer. Assignam essas obras encantadoras Meirsonier, Jerôme, Puvis de Chavannes, Boranot, Blanc, Cabanel, Baudry, etc. Passos graves de guardas soam sob a cupula. Não ha um bafo de podridão. Eles, os grandes homens, aos quaes a patria se confessa reconhecida, dormem na suavidade da luz e na paz.

Nos Jeronimos, epopea de pedra, podiam muito bem guardar-se restos de navegadores e de guerreiros, de reis e de principes nos seus tumulos de pedra. Lá estão, sob os elefantes cinzentos, na da Capela-mór, D. João III, D. Manuel e suas esposas. Nas capelas do cruzeiro jazem D. Henrique, o infante de Sagres, D. Sebastião — o vencido de Alcacer — D. Vasco da Gama e Camões. Todos estes téem tumulos como Herkulano móra no seu, e bem luzido, no claustro da Casa Pia.

João de Deus e Garret aguardam os ataudes de pedra. Agora vai para essa extranha exposição coberta de pó e de todos os desprezos a tumba de Junqueiro. Sidonio tambem lá está, esse ao menos, recolhido no fundo duma antiga cela, como um prisioneiro, mas livre de todas as rajadas, dos lixos, dos desdens. Aquela portinha cerrou-se e elle ficou na paz.

Lá, de quando em quando, um raio de sol vem brincar na cruz da entrada, iluminar o caixão e fugir como assustado duma treva e dum frio que não póde romper e afugentar para sempre. Aos outros, aos poetas, não se atrevem a enclausura-los. Preferem deixa-los numa camada de lixo. É esta a sorte que espera o consagrado de agora.

Ha ainda uma outra ordem de ideas que não sei como se vai conciliar.

Para os homens da republica demagogica, Sidonio foi o traidor, o republicano que os combateu, e, nas suas furias, negaram-lhe as honras do Panteon. Durante mezes, o conselheiro Bernardino Machado pediu que se retirassem dali esses ossos de um soldado. Chegado ao poder não se atreveu a tocar-lhes, não pelo receio do sacrilegio, mas pelo terror das consequencias, e, então, num subterfugio rabula e comico declarou que o presidente assassinado não estava no Panteon, mas apenas na igreja da sua freguezia.

Mas porque havia de ficar no templo um cidadão falecido em determinada parouquia se não houvesse circunstancias especiaes para lá o guardar? Isso não explicou, nem era necessario. o singular acrobata da politica. Sidonio jaz realmente no Panteon, ficou ali por um decreto e, em-

bora preso, nas paredes granitas, melhor está do que João de Deus, Garret e Junqueiro, vítimas do *culto do osso*, para a exhibição, mas olvidados mal se apagam os ecos das ultimas bandas regimentaes que lhes acompanharam os feretros em marchas doloridas.

O *Mundo* publicou uma serie de entrevistas ácerca do sitio onde deveria ficar o poeta que ha dias faleceu:

Toda a gente dizia que nos Jeronimos porque se desconhece tudo em Portugal e mesmo os homens illustres — aqueles que o jornal consultou — julgam que Camões dorme na Batalha uns, os outros não calculam o estado lastimoso do Panteon para onde enviaram o morto celebre a sepultarem-no sob camadas de lixo.

O filho de João de Deus, pensa em mandar fazer uma urna de mármore, ergue-la diante do *Jardim Escola*, na Estrela, onde o poeta viveu e amou. Nela, simplesmente, como levou a existencia, se encerrarão os ossos do grande lirico.

O descendente de Garret — esse vivo e inteligente Tomaz de Almeida Garret — deliberou mandar fazer um jazigo para recolher o seu antepassado nalgum cemiterio, monumento de pompa, sem duvida como de exterioridades o grande homem vivia.

Ácerca de Junqueiro não se sabe nada. Já houve quem pensasse em enterrá-lo no cemiterio de Freixo de Espada à Cinta. Apesar de tudo, é preferivel, a essa miseria da igreja, onde se deixa os ratos e as traças, fazer a sua obra, onde não ha quem cuide do culto de seus restos.

O corpo de Sidonio Paes — sepulto na sua parochia, como diz o senhor conselheiro Bernardino Machado — está livre dos maus insectos e dos maus olhos. Foi o que recebeu em troca dos odios que lhe votaram. Os outros, oh! os outros! atulham-se em verdadeiras miserias nas quais vão ter mais um companheiro — aquele que desejou seu cadaver na vala, entregue aos vermes, e cuja vontade não se cumpriu.

O Panteon, como está, é peor que a vala: é a valeta.

Os jettões e os "jettatores,"

Uma ideia salvadora — A nova moeda nacional
— Tentos e fixas em abundancia — O verbo
«jeter» bem applicado — Presentes de Minerva

Conhecem, decerto, os *jettões*? E' palavra que não vem nos dicionarios portuguezes, mas que o visconde de Santarem adoptou, ao contar como os recebia, nas suas sessões do Instituto de França. E' uma moeda — o *jettão* — na qual se inscreve uma quantia a qual vai ser trocada, de seguida, pelo que representa. Chama-se, tambem, marca, para os jogos inocentes; *fixa*, para as casas de batota, para o grande jogo. Em bom portuguez o *jettão* é um tento.

Será ele que, dentro em pouco, virá substituir as notas e as cédulas, nas suas côres diversas, nos seus numeros de ordem, com o seu valor inscripto, fabricado em metal branco, em latão, em ferro zincado, em papel comprimido a dar-nos o direito de comprar com tais *fixas* ou tentos, *jettões* ou marcas, aquilo que desejarmos adquirir. Dentro em pouco, na Baixa, pediremos dois *jettões* de cigarros ou um tento de fósforos e elas, essas singulares rodellas que estavamos habituados a vêr no ar de quem olha dinheiro falso, substituirão magnificamente, com mais propriedade, a moeda porca que ños corre pelas mãos. Num país de batota, a unidade monetaria deve ser representada num autentico tento.

Calcule-se quantos triliões destas fixas erão necessarios para substituir todo o numerario do país, com exclusão das notas mais altas que, no fim de contas, valem tanto em dinheiro como os *jettões*! Que quantidade enorme desses bocados de latão, de ferro ou de papel amassado é preciso mandar fazer? Verifique-se o que é a circulação fiduciaria e veja-se quantos wagons se teem de carregar para transportar o *dinheiro* que se pretende impingir a Portugal.

O quê? Mas ele não é feito aqui? Qual historia. Então para que temos nós no estrangeiro, ali na cabeça do mundo, como uma Minerva tutelar, sábia e vigilante o doutor Afonso Costa? Carece-se de trigo? Ele o descobre. E' duma grande precisão um emprestimo? Ele o machuca. Quer-se arrendar um bocado das colonias? Ele assina e arranja o inquilino. Deus dos nossos destinos, aquele a quem os invejosos chamam «genio mau de Portugal, e antes o seu patrono. E' quem vela, emquanto

nós á véla vamos, num mar porceloso, só porque ele não guia a nau, embora de longe a vigie,

Sem essa vigilancia, sem esse carinho, sem esse cuidado, não teriamos o respeito do mundo, nem iriamos governar-nos com tentos.

Mas que ideia foi essa? A que solreguidão corresponde a mudança dos signos do nosso dinheiro?

Um homem, grande admirador das virtudes e dos talentos do senhor doutor Afonso Costa, entendendo que sem ele nada é viavel no país, appareceu-lhe com uma amostra dos seus tentos que desejava pôr em circulação e com todas as ideias acerca de vantagens e lucros de fabrico e da operação. Reluziu o olho oculado da nossa douda Minerva e logo, apossando se da ideia, á Pombal, declarou: Mas não se lhe chamam *fixas*... — Nada... Isso cheira a batota e sou muito contrario a jogos... Olhe, já uma vez fiz ruido com uma palavra: o *superavit*. Faremos agora barulho com outra: *Jettões!* Para demais, estes telintam... Mesmo os de papel prensado parecem ter som... Pois grande ideia tive, amigo F. e quero que participe de suas consequencias, já que se lhe deparou a dita de aqui estar quando me acudiu tão feliz inspiração... Vamos lançar os *jettões*... Lançar... *jettões*... Oh! como estou hoje feliz... Será a moeda do presidente *jettatore*.

O outro, submisso, com um sorriso de quem sente a fortuna a encher-lhe as algibeiras, transformando em montões de francos umas rodelas de metal applicadas a estes confins barbaros, saudou-o como um escravo, gabou-lhe a ideia e preparou-se para ensaiar no Brazil a operação.

Para Portugal o negocio está seguro. Assim como nas grandes selvas os negros tratam de trocar seus productos por meio de pontas de elefantes, o seu ouro, de hipopotamo, a sua prata, de antilope, o seu cobre, assim entre nós teremos o latão, o ferro e o resto nesta liquidação de regimen e de país.

Os selvagens negociam por meio de buzios, nós aceitaremos até vulgares conchas porque elas veem das mãos prestimosas e prestimanas de quem vela, em Paris, pelos nossos destinos.

A esta hora ensaiam-se já os discursos para saudar os *jettões* e ai de quem não os achar tão bons como o mais puro ouro, enviado pelo deus que escondido na sua nuvem, despeja sobre nós uma cornucopia de tentos.

